



## CORPO DE DELITO

# Senso e sensibilidade

Não há sensibilidade que justifique a insensibilidade perante o perigo de misturar discussões e de dizer “sim, mas”. Perante o assassinato não há mas



Rui Patrício

Como muito bem sabia Jane Austen (ou os leitores que assim a interpretam), sensibilidade e (bom) senso são duas coisas admiráveis, mas quando juntas. Se as separam, a porca pode torcer o rabo, sobretudo se a sensibilidade não vier acompanhada de (bom) senso ou, pior, quando ao excesso de sensibilidade se alia a falta de senso. Essa aliança costuma dar asneira. Há traduções portuguesas do romance que põem a sensibilidade antes do senso ou da razão (conforme o gosto do tradutor), mas Jane Austen, que não era parva, pôs o senso em primeiro lugar e chamou ao livro “Sense and Sensibility”. Sem o tempero do senso, na verdade, a sensibilidade pode dar em desgraça. O que vem a propósito das muitas discussões que têm sido travadas e das muitas opiniões que têm sido dadas sobre o homicídio de jornalistas do “Charlie Hebdo” (e outras vítimas), nomeadamente a propósito da afirmação de que é muito censurável matar os jornalistas por serem lascarinhos a propósito do islão (ou

de um certo modo de o ver ou viver), mas... Mas – dizem essas discussões e opiniões – também não é boa coisa caricaturar, troçar ou ofender a religião.

Ora discutir se é legítimo troçar, caricaturar ou ofender a religião dos outros (ou a nossa, para quem a tenha) é, em minha opinião, uma discussão útil e legítima, mas fazê-lo a propósito do homicídio dos jornalistas do “Charlie Hebdo” é um disparate, e é perigoso, muito perigoso mesmo. Claro que podemos e devemos discutir tudo, se queremos um mundo em que a liberdade seja a maior possível. Claro que podemos e devemos questionar se troçar, caricaturar ou ofender a religião alheia ou a nossa (para quem a tem), é legítimo. Claro que podemos e devemos discutir se essa ofensa deve mere-

cer ou não reacção jurídica e qual. Mas fazê-lo ao mesmo tempo que falamos do assassinio dos jornalistas (e outros) ou a propósito disso envolve um perigo evidente e enorme: o de (conscientemente ou não) desculpar, atenuar ou suavizar a censura (total) que aquele homicídio merece.

Fica muito bem a cada um sentir-se a respeito das caricaturas, troças ou ofensas à religião alheia ou à sua, como lhe fica muito bem a sensibilidade a outras troças, caricaturas ou ofensas. Mas essa sensibilidade só é coisa boa se vier acompanhada do (bom) senso de reconhecer duas coisas: uma, que matar por causa disso é absolutamente injustificado, e que não há sensibilidade que justifique a insensibilidade perante a vida humana, a não ser que se professe e viva uma religião baseada na construção de uma ideia de inimigo; outra, que não há sensibilidade que justifique a insensibilidade perante o perigo de misturar discussões e de dizer “sim, mas”. Perante o assassinato não há mas. Perante a liberdade de expressão existe um mas, e devemos discutir se ele é maior ou menor, deste ou daquele tom. Mas julgo que não devemos discutir isso a respeito de um assassinato. Perante um assassinato não há mas nem meio mas. Há apenas o repúdio, a censura, um não. Sem qualquer mas.

**Sem o tempero do senso, na verdade, a sensibilidade pode dar em desgraça**

*Advogado  
Escreve quinzenalmente ao sábado*